

Alguns poemas do britânico John Clare

Luís Augusto Fischer

Se já é duro ser poeta contemporâneo de Blake, Byron, Burns, Coleridge, Keats, Shelley e Wordsworth, imagina então frequentar o terreno lírico tendo provindo da ralé interiorana. Esse é, sem tirar nem pôr, o drama de John Clare, nascido em 13 de julho de 1793, em Helpston, perto de Peterborough, e falecido aos 20 de maio de 1864, em Northampton. Sua vida foi um verdadeiro desfile de tragédias e misérias, primeiro as econômicas — família pobre, sem recursos sequer para propiciar-lhe educação formal razoável —, depois as afetivas, novamente econômicas, até as sociais — internado num asilo em 1837, aí permanece por quatro anos, fugindo em julho de 41 ("He walked the 80 miles to Northborough, penniless, eating grass by the roadside to stay his hunger", diz a sempre contida Encyclopaedia Britannica, 15ª edição); ao final deste ano, é declarado louco, e passa os últimos 23 anos de vida num hospício, às vezes escrevendo.

Publicou três livros em vida, nenhum dos quais chegando a render muito, em crítica ou dinheiro. Em sua poesia há trabalhos mais que visíveis de um Romantismo tardio de corte radical. "Poesias simples de uma alma perplexa em face da natureza", diz Carpeaux,¹ sendo o "simples" uma referência ao uso freqüente de metros populares, nalguns casos disfarçados no verso de 11 sílabas (a rigor dois de 5 justapostos), como em "The Frightened Ploughman"; e a "alma perplexa" se apresenta inteira no pungente decassílabo "I Am". Sobre poemas como este dirá Raymond Williams: "o poeta se recolhe à quietude da natureza, onde pode falar em nome de sua humanidade e da dos outros, através de baladas relembradas e cenas contempladas".²

As traduções seguintes não pretendem nada além de uma tentativa. Em "O Lavrador Assustado" manteve o metro, abrindo mão do esquema rímico em favor de um eco entre as estrofes, mas de qualquer forma relevando o poeta esforçado por enunciar o campo. Em "Eu Sou", passei das dez sílabas originais para doze, metro este também erudito, com as rimas arranjadas de modo diferente da formulação original. O "Fragmento", por fim, proporcionou a óbvia alusão à tópica camoniana do Amor sem artigo, que o nosso Romantismo não soube aproveitar a contento.

Luís Augusto Fischer é Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 2ª ed. rev. Rio, Alhambra, 1981. Vol. 5, p. 1348.

² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henrique Brito. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p. 190-8.

Se o leitor quiser um norte para sua leitura, sirva-se da observação do mesmo Williams, que me alertou para a poesia de Clare: "É para poder sobreviver, como homem que pensa e sente, que Clare precisa da linguagem verde da nova Natureza".

THE FRIGHTENED PLOUGHMAN³

I went to the fields with the leisure I got;
The stranger might smile but I heeded him not;
The hovel was ready to screen from a shower,
And the book in my pocket was read in an hour.

The bird came for shelter, but soon flew away;
The horse came to look, and seemed happy to stay;
He stood up in quiet, and hung down his head,
And seemed to be hearing the poem I read.

The ploughman would turn from his plough in the day
And wonder what being had come in his way,
To lie on a mole-hill and read the day long
And laugh out aloud when he'd finished his song.

The pewit turned over and stoop'd o'er my head
Where the raven croaked loud like the ploughman illbred,
But the lark high above charmed me all the day long,
So I sat down and joined in the chorus of song.

The foolhardy ploughman i well could endure;
His praise was worthing, his censure was poor;
Fame bade me go on, and I toiled the day long,
Till the fields where he lived should be known in my song.

³ CLARE, John. The frightened ploughman. In: AUDEN, W.H. and PEARSON, N. H. (org.) *Romantic Poets: Blake to Poe*. New York, Penguin Books, 1982.

O LAVRADOR ASSUSTADO⁴

Eu fui para o campo na folga que tive;
O estranho talvez riu, não cheguei a ver;
A choça, pronta pra abrigar-me de chuva;
E o livro em meu bolso foi lido sem mora.

O pássaro abrigou-se, mas logo foi embora;
O cavalo veio ver, e alegre ficou;
Ficou em silêncio e mexeu a cabeça,
Parecendo ouvir o poema que eu lia.

O lavrador talvez volte após a lida
Pensando a que tinha vindo aquele ser,
Sentado a um canto, lendo, o dia todo,
A gargalhar ao fim de cada leitura.

Outro pássaro sobrevoou, e se debruça
Onde o corvo grita feito um camponês;
A cotovia no alto me enfeitiçou,
Então sentei e me uni à melodia.

Eu bem pude aturar o tosco campônio:
Seu louvor nada vale, sua censura é inútil;
A fama atiçou-me, e lidei todo o dia
Té os campos poderem viver no meu poema.

⁴ Tradução: Luís Augusto Fischer.

I AM⁵

I am: yet what I am none cares or knows,
 My friends forsake me like a memory lost,
 I am the self-consumer of my woes —
 They rise and vanish in oblivious host,
 Like shadows in love's frenzied stifled throes: —
 And yet I am, and live — like vapours tost

Into the nothingness of scorn and noise,
 Into the living sea of waking dreams,
 Where there is neither sense of life or joys,
 But the vast shipwreck of my life's esteems;
 Even the dearest, that I love the best,
 Are strange — nay, rather stranger than the rest.

I long for scenes, where man hath never trod,
 A place where woman never smiled or wept —
 There to abide with my Creator, God,
 And sleep as I in childhood sweetly slept,
 Untroubling, and untroubled where I lie,
 The grass below — above the vaulted sky.

⁵ CLARE, John. I am. In: AUDEN, W.H. and PEARSON, N. H. (org.) *Romantic Poets: Blake to Poe*. New York, Penguin Books, 1982.

EU SOU⁶

Eu sou: o que agora sou ninguém quer saber;
 Amigos me abandonaram, fútil haver;
 Eu mesmo consumo minhas paixões feéricas —
 Elas nascem e se esfumam em chão estéril,
 Abafados espasmos de amor delirante — :
 Mas sou, vivo — como vapores tremulantes

Em meio a um nada ruidoso e escarnescente,
 Em meio a um vivo mar de sonhos vigilantes,
 Onde não há sentido de vida ou alegrias,
 Só o cru naufrágio de minhas aporias;
 E a mais desejada, que me faz e desfaz,
 É-me estranha — ou pior, mais estranha que as mais.

Aspiro a lugares por homem não pisados,
 Cenário não visto por mulher, nem pranteado —
 Para lá conviver com meu Criador, Deus,
 Dormir como na infância, leve, junto aos meus,
 Desanuviado, e confortado onde me encontro,
 A grama por baixo — por cima o céu redondo.

⁶ Tradução: Luís Augusto Fischer.

FRAGMENT⁷

Language has not the power to speak quat love indites:
The sould lies buried in the ink that writes.

FRAGMENTO⁸

A linguagem não consegue dizer o que Amor prescreve:
A alma jaz enterrada na tinta que escreve.

⁷ CLARE, John. Fragment. In: AUDEN, W.H. and PEARSON, N. H. (org.) *Romantic Poets: Blake to Poe*. New York, Penguin Books, 1982.

⁸ Tradução: **Luis Augusto Fischer**.